



Birinaite: Os desafios de abordar o alcoolismo com seriedade e leveza nas ondas de rádio¹

Attila Piovesan²

Jorge Pedrosa³

Michele Salles⁴

Gilda Soares Miranda⁵

Centro Universitário Vila Velha - UVV

RESUMO

O presente texto fala sobre o programa Birinaite, criado durante a disciplina de radiojornalismo no curso de Comunicação Social na UVV. Serão apresentados os desafios em se criar um programa de rádio que busca informar de uma forma descontraída, abordando questões que envolvam o tema da noite pelas próprias experiências dos entrevistados. No programa aqui apresentado, lida-se especificamente com a questão do consumo de bebidas alcoólicas entre jovens e universitários.

Palavras-chave: noite; diversão; alcoolismo; informação; entrevista.

1. INTRODUÇÃO

O programa Birinaite surgiu em março de 2009, criado pelos estudantes Attila Piovesan, Jorge Pedrosa, Michele Salles e Michely Melotti, durante as aulas de radiojornalismo ministradas pela professora Gilda Soares no curso de Jornalismo na UVV. O nome vem de uma música de Ed Motta, também chamada Birinaite. Para a disciplina, deveria ser criado um programa para ir ao ar na chamada Rádio Poste, que vai ao ar na própria faculdade durante o intervalo de 20 minutos entre o horário de aulas. Tendo em mente que o público do programa era universitário, logo se tornou claro o desejo de utilizar uma linguagem mais descontraída do que o formato jornalístico convencional permitia, embora buscando conservar o mesmo rigor e seriedade. Entre as diversas possibilidades de temas, passou-se

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo utilitário – Indicador, Roteiro, Serviço ou Cotação (avulso apresentado em qualquer suporte), no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Aluno líder do grupo e estudante de Graduação do 6.º período do curso de Jornalismo da UVV. E-mail: attilapiovesan@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do 6.º período do curso de Jornalismo da UVV. E-mail: jorgedopedrosa@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 6.º período do curso de Jornalismo da UVV. E-mail: comunicacao.jornalismo@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UVV. E-mail: gildasmiranda@yahoo.com.br



a discutir quais eram as características fundamentais da noite para os jovens. Palavras como diversão, lazer, bebida, festas, sono e mesmo estudo e trabalho emergiram, assim como também recordou-se o lado negativo: cansaço, acidentes de trânsito, violência, alcoolismo, uso de drogas.

Com esses possíveis temas pensou-se em desenvolver uma linha temática que pudesse abordar tanto aspectos positivos como negativos, o que levou à elaboração de um programa que lidasse com o tema do consumo de bebidas alcoólicas. Afinal, de todas as drogas, lícitas ou ilícitas, o álcool é umas das que tem maior presença na história da humanidade, embora a elevação de seu consumo ao ponto de ser considerado um problema social comece em um período relativamente recente:

A partir da Revolução Industrial, registrou-se grande aumento na oferta desse tipo de bebida, contribuindo para um maior consumo e, conseqüentemente, gerando aumento no número de pessoas que passaram a apresentar algum tipo de problema decorrente do uso excessivo de álcool (CEBRID, 2003, p. 13).

De acordo com um gráfico apresentado no World Drug Report 2009, publicado pelo Escritório das Nações Unidas para Controle de Drogas e Crime (UNODC), depois do cigarro, a droga que mais provoca mortes no mundo é o álcool, e a estimativa é de que quase 200 milhões de pessoas vivas hoje morrerão por causa dessa substância (UNODC, 2009, p. 164). O ponto de vista defendido pelo relatório é a constatação de que a morte causadas por drogas lícitas é bastante superior aos entorpecentes proibidos justamente por sua grande disponibilidade. Romera (2008, p. 48-51) relata as diversas pesquisas que demonstram a incidência preocupante do álcool na juventude brasileira e em como ela é considerada uma droga recreativa - o que nos conduz ao próximo ponto.

A apropriação do espaço urbano pela juventude provoca um remodelamento comportamental que culmina em novas formas de socialização - incluindo a vida noturna:

Nas últimas décadas do século XX, todas as grandes cidades passam a ter regiões inteiras ocupadas por jovens que as transformam em espaços de lazer e de vida noturna. Nesses bairros de ocupação juvenil pode-se desfrutar de certa liberdade; são locais de encontro de amplos grupos de adolescentes e estudantes, que marcam a recuperação festiva da rua como lugar de articulação das relações sociais; são espaços de interação imediata (OLIVEIRA, 2007, p. 2).



Assim, a construção social contemporânea guarda um espaço específico para o jovem se manifestar em sua inteireza, em busca de prazeres, diversão e companhia dos outros – e grande em parte isso se realiza no período noturno, embora não signifique que a noite deixe de exercer um poder simbólico destituído de caráter hedonista (pois a maioria das pessoas dorme durante a noite):

A noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação de vida. Ela é rica em todas as virtualidades da existência. Mas entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as *idéias negras*. Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 640, grifo dos autores).

Mas a noite não deve ser vista como algo negativo, como indica o recado que o sociólogo italiano Domenico de Masi dá aos trabalhadores ao afirmar estes devem

sobretudo entender que não existe uma hierarquia ética entre o dia e a noite, como se a noite fosse malvada e o dia bondoso, como se a noite pertencesse aos vagabundos enquanto do dia pertence aos trabalhadores virtuosos e honestos (DE MASI, 2000, p. 229).

Se pensarmos a noite como algo “rico em todas as virtualidades da existência” e também como representação do indeterminado, adentra-se em um território crescentemente explorado que tangencia e, algumas vezes, diverge da temática meramente juvenil e reflete mais sobre métodos de produção e descarga de tensões. Afinal, o que está por trás do entretenimento noturno? São facetas muitas vezes desconhecida por se diverte à noite.

Comparando com uma era anterior ao advento da luz elétrica, atingimos um estágio de desenvolvimento tecnológico e técnico-produtivo que transforma radicalmente a relação entre a noite e as pessoas, principalmente pela necessidade de esquecer as tensões e as estafas geradas pelos empregos em uma sociedade cada vez mais competitiva. Resultado: diversos setores funcionam em um ritmo de 24 horas.

De acordo com Filho (1998), desde a antiguidade grega e romana, trabalhos noturnos eram realizados, seja por um sentinela que deve permanecer de vigília enquanto todos dormem,



ou o marinheiro que deve garantir que os navios não afundassem à noite. Com o aumento das cidades e maior complexidade das funções exercidas, a necessidade de uma comunicação mais veloz e eficiente mostrava-se cada vez mais premente, surgindo correios noturnos e transporte terrestre e marítimo que eram realizados depois do pôr-do-sol. Durante a Idade Média, as atividades noturnas se reduziram drasticamente, pois o feudalismo retraiu o comércio. Com a retomada comercial e cultural da Renascença, o trabalho durante a noite retornou, mas agora com um diferencial: a consciência do valor do tempo. A urbanização sem precedentes da Revolução Industrial e com a invenção da lâmpada elétrica no final do século XIX, estabeleceram um novo patamar do trabalho noturno, pois foram propiciadas as condições de utilização de equipamentos e ofertas de bens e serviços em tempo integral.

Por fim, como o tema é alcoolismo, o escopo do programa evoluiu, entrando também na questão de prestação de serviço e de conscientização. Para lidar com o que descrevemos nos parágrafos anteriores, a estrutura do programa ficou assim: entrevistar quem trabalha na noite e quem dela (bem ou mal) usufrui, sendo que os voluntários do programa de conscientização Vida Urgente representaram o aspecto do trabalho e o relato das experiências de um membro dos Alcoólicos Anônimos serve para lidarmos com os outros aspectos apurados - como o prazer e abuso de drogas.

2. MODOS DE FAZER RÁDIO

Para Armand Balsebre o rádio “é um meio de comunicação, difusão e expressão que tem duas metas importantes: a reconstituição e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico [...]. É um veículo capaz de criar [...] a poesia do espaço” (BALSEBRE, 2005, p. 327).

O autor espanhol ainda se pergunta se o rádio tem uma linguagem específica, e se envereda pela semiologia em busca da resposta. A função comunicativa tem um aspecto duplo: o código, produtor de significantes e a mensagem, variações particulares da base de codificação. Um terceiro aspecto do processo entre código e mensagem é o uso social e cultural.



Quanto mais comuns e consensuais forem as estratégias de produção de significado, de codificação e deciframento, mais eficazes serão as mensagens na comunicação emissor-receptor. Mas para isso, também é preciso integrar a forma e o conteúdo, o semântico e o estético (BALSEBRE, 2005, p. 327).

O semântico está ligado ao sentido mais direto e manifesto dos signos e o estético é o “aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos de percepção” (BALSEBRE, 2005, p. 327-328). O som é um “ruído” presente na cadeia significativa e, por consequência, as mensagens sonoras do rádio são uma sucessão ordenada, contínua e com poder de significar, elaboradas por pessoas, instrumentos musicais ou mesmo a própria natureza. Balsebre explicita a natureza estrutural das mensagens sonoras em três sistemas: palavra, música e ruído ou efeito sonoro, mas dá uma contribuição ao esquema ao incluir o silêncio como elemento expressivo.

Resumindo, então, a linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, 2005, p. 329).

Considerando que o rádio também possui uma qualidade estética que é gerada através de uma excitação sentimental, a linguagem radiofônica precisa integrar elementos que codificam o sentido simbólico. Levando isso em conta, Balsebre ressalta a importância da música e dos efeitos sonoros quando atuam como enunciados significantes, substituindo e, por vezes, superando o poder simbólico e conotativo da palavra.

O simbolismo de uma música descritiva que estimula a produção imaginativo-visual de paisagens ou situações de tensão dramática, ou ainda de cores claras ou escuras, adquire um significado no rádio de uma força expressiva transcendental. Um ritmo musical repetitivo num programa informativo, por sua vez, pode trazer uma conotação simbólica de dinamismo, de novidade, de autoridade profissional e de credibilidade (BALSEBRE, 2005, p. 329-330).

Entrando em detalhes sobre a produção do Birinaite, desde o início foram estabelecidos alguns parâmetros técnicos pela equipe. Dificilmente trabalharíamos com sonoras que ultrapassassem 30 segundos, salvo em formatos com situações de entrevista corrida no



estúdio, debate ou mesa-redonda. Buscou-se também praticar os fatores de eficácia da linguagem radiofônica como: clareza técnica, que está ligada à transmissão sem ruídos, clareza enunciativa, que se desdobra em redação e locução, onde o locutor redige seus próprios textos, usa períodos breves e simples.

Na transmissão de informações, a locução dita com naturalidade, em tom próximo do informal para gerar maior eficácia e humanizar a relação ouvinte-rádio. Sugere-se que, na leitura de textos no rádio, é importante uma vocalização clara, pois os ouvintes não têm como pedir para repetir em caso de dúvida. Manter um ritmo e entonação próxima à expressão oral cotidiana também são recomendáveis (PRADO, 1989, pág.19).

3. GÊNEROS E FORMATOS RADIOFÔNICO

Antes de adentrar na descrição dos programas Birinaite, é mister fazer algumas colocações à respeito do gênero seguido pelo programa. Fazemos a distinção entre gênero e formato: o primeiro é uma classificação geral da mensagem levando em conta a expectativa de seus ouvintes, enquanto o segundo são os modelos que os programas podem assumir dentro dos vários gêneros (Barbosa Filho, 2003, p. 83).

O gênero jornalístico “é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 89). O autor acrescenta que os relatos jornalísticos podem ter características subjetivas a respeito do conteúdo e acrescentar opiniões particulares sobre os acontecimentos. Para Barbosa Filho, o gênero jornalístico no rádio pode ser tratado nos seguintes formatos: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

No âmbito jornalístico, o programa Birinaite apropriou-se primariamente da entrevista, que é geralmente montada, segundo Sampaio (apud BARBOSA FILHO, 2003) na seqüência de uma narrativa fundamentalmente noticiosa. Para Emílio Prado, a entrevista também é

formalmente um diálogo que representa uma das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, fruto do diálogo. Esta interação – natural na



comunicação humana em nível oral – exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial [...] (PRADO, 1989, p. 85).

O Birinaite se utiliza da entrevista como espinha dorsal do conteúdo apresentado. Outro formato que se apresentava mais de acordo com o uso convencional dentro do gênero jornalístico era o documentário jornalístico, que constitui análise sobre tema específico. Mas outros elementos se faziam presentes. A nota, por exemplo, que é um informe sintético de um fato atual, com tempo de irradiação curto e mensagens transmitidas com frases diretas, informando brevemente sobre algum assunto relacionado à entrevista vindoura, não como um formato *per se*. Mas não era exatamente o que o Birinaite fazia: as entrevistas foram feitas por dois ou mais entrevistadores. Outra característica do debate é que é um programa ao vivo, ou com “aparência” de ao vivo, o que também foi adotado.

Dada algumas características do Birinaite – em especial, o tema -, o programa atua, em algum grau, como representante do gênero de serviço, que são “informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população, atingida pelo sinal transmitido pela emissora de rádio” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 134). Na classificação do autor, este gênero e seus formatos são voltados para informações transitórias - como o fluxo de trânsito em determinado horário, condições meteorológicas, preço de alimentos, etc. - mas na opinião de Janine Marques P. Lucht é de que a dissociação do gênero de serviço do jornalístico pode ser inadequada:

Ora, se o gênero de serviço é calcado em informação, ele não deveria estar integrado ao jornalístico? Conforme André Barbosa Filho, o motivo para a separação em dois gêneros distintos é que o de serviço distingue-se do jornalístico por seu caráter de “transitividade”, que indica movimento, circulação, trânsito e, conseqüentemente, provoca no ouvinte uma reação sinérgica, ao reagir à mensagem. A explicação não convence, na medida que as emissoras do tipo *all news* e *news – talk* se valem, cada vez mais, das matérias ditas “de serviço”. Prova disso são as coberturas aéreas, para o trânsito em diversos horários, tão fundamental quanto a meteorologia, roteiro cultural, notas de utilidade pública, etc (LUCHT, 2009, p. 3).

De qualquer forma, na classificação de Barbosa Filho dos formatos do gênero de serviço, temos informes mais longos, com cerca de três minutos, chamados de programetes de serviço, inseridos com frequência em outros formatos, como radiojornais (o que em parte diminui a discrepância detectada por Lucht). Já o formato programa de serviço, dura de trinta minutos a uma hora e trata de “temas específicos de apoio aos interesses da



população” (Barbosa Filho, 2003, p. 136). O autor não entra em maiores detalhes, mas é cabível interpretar que o alcoolismo – um assunto específico e problema social grave que certamente vai de encontro ao interesse popular – juntamente com a duração do programa, pode inserir o Birinaite também como serviço.

4. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA

O Birinaite foi feito para “mostrar a noite” no sentido mais reflexivo, tentando responder algumas perguntas sobre comportamento, especialmente do jovem notívago. Acreditando na possibilidade de estarmos, assim, prestando um serviço ao jovem universitário, público prioritário do programa. A noite, de alguma forma, pode influenciar as atividades sociais e o próprio corpo de quem está inserido na vida noturna? O jovem experimenta tanto alegria, felicidade e euforia quanto sensações amargas como drogas e reações adversas aos abusos fisiológicos e psicológicos.

Entrevistamos em moldes de bate-papo um jornalista de 27 anos integrante dos Alcoólicos Anônimos, que narrou sua experiência com a bebida e o processo de conscientização que o levou a combater o vício, além de uma dupla de voluntários do Vida Urgente^{*}, que falaram sobre suas ações nas noites capixabas. Pesquisamos informações sobre o tema e repassamos para o ouvinte, com um estilo de nota jornalística. A edição foi montada de modo que não se confundisse a informação repassada e o tom de informalidade fosse mantido nas entrevistas. Os resultados foram satisfatórios (levando em conta que foi a primeira vez que a equipe realizou entrevista presencial em estúdio).

Via de regra, os programas veiculados na Rádio Poste da UVV, onde o programa foi levado ao ar, tem algum conteúdo musical, geralmente no meio do programa, para dividir os blocos, e no final – no caso do Birinaite, após a última entrevista. O programa buscou músicas com afinidade temática ao tema e entrevistas realizadas. Depois da entrevista com os voluntários do Vida Urgente, selecionamos a música Mesa de Bar, de Alcione, com

* O Vida Urgente, uma campanha cultura e educativa sobre o problema do álcool no trânsito, é uma iniciativa da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, criada pelo casal Régis e Diza Gonzaga, pais de Thiago, que havia completado 18 anos uma semana antes da madrugada fria de 20 de maio de 1995, quando o carro em que estava de carona, chocou-se contra um container colocado irregularmente na rua, em Porto Alegre (RS).



participação de Ed Motta. Como a proposta do Vida Urgente não é censurar o consumo de bebidas e sim torná-lo consciente, a música não destoava. No final do programa a música Mais uma Dose (versão de Gabriel o Pensador, com participação de Frejat) depois da entrevista com o membro dos Alcoólicos Anônimos tinha o tom crítico adequado.

Outro ponto eram as locuções, enunciadas com um estilo descontraído, usando uma linguagem coloquial voltada para o público ouvinte – os universitários. Além disso, efeitos de *background*, música incidental acompanhando alguma locução ou entrevista, ou sons e trechos de músicas que indicavam a mudança de bloco foram amplamente utilizados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desse percurso, buscando uma análise criteriosa sobre o rádio como forma de expressão e prestação de serviço, além das formas que usamos para aplicar o aprendizado da disciplina de radiojornalismo e os motivos que levaram à criação do programa e como ele foi realizado, para a equipe os resultados se apresentaram satisfatórios, transmitindo as informações da forma desejada, sempre tentando utilizar a potencialidade radiofônica.

Aliás, nos aspectos estruturais, pode-se notar que os conceitos relativos à estrutura radiofônica e sua linguagem foram trabalhados a todo tempo. Obviamente, o Birinaite poderia ser melhor em alguns pontos, mas a proposta foi alcançada. O mundo do rádio, nesses tempos de incerteza quanto ao futuro do que se tornará a linguagem radiofônica, com a revolução das formas comunicativas proporcionada pela internet, ainda guarda surpresas. Armand Balsebre falava em como a tecnologia cria formas de significação que elevam a potencialidade do rádio. Isso abre portas para um novo e, em boa parte, ainda inexplorado mundo, que as novas gerações terão a oportunidade de presenciar. E para os amantes do universo radiofônico, isso acaba por se converter em uma experiência única de expandir sua atividade como nunca antes visto.

REFERÊNCIAS



BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio. Textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003

CEBRID. **Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas**. São Paulo: CEBRID, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008

DE MASI, Domênico. **O Ócio Criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FILHO, Gilsée Ivã Regis. **Síndrome de Maladaptação ao trabalho em turnos – uma abordagem ergonômica**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/gilsee/>>. Acesso em: 24 de Novembro 2009

LUCHT, Janine. M. P. Os gêneros jornalísticos no rádio. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba- PR. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Lendo a metrópole comunicacional: culturas juvenis, estéticas e práticas políticas**. Revista Acadêmica De La Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social, n.º 75, 2007. Disponível em:<<http://www.dialogosfelafacs.net/75/articulos/pdf/75RitaAlves.pdf>>. Acesso em: 25 de Novembro 2009.

PRADO, Emílio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

ROMERA, Liana Abrão. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2008. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000445959>>. Acesso em: 20 de Novembro 2009.

UNODC. **World Drug Report 2009**. Vienna: United Nations, Office on Drugs and Crime, 2009. Disponível em: <<http://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/WDR-2009.html>> . Acesso em: 27 de Novembro 2009.